

AS CONFIGURAÇÕES DO ROMANCE FOLHETIM PORNOGRÁFICO “A VINGANÇA DE UM SAPATEIRO” DO JORNAL “O RIO NÚ”¹

Bianca do Carmo Pereira Brito²
Natanael Duarte de Azevedo³

RESUMO

Este artigo tratará do romance folhetim pornográfico “A vingança de um sapateiro” do escritor Bock, publicado no jornal “O Rio Nú” no ano de 1899 nas edições de 68 até 94, a partir das perspectivas da História Cultural definidas por Chartier (1988;2017), como também os trabalhos em jornais do século XIX de Barbosa (2007) e os trabalhos que envolvem a temática pornográfica de El Far (2004) e Azevedo (2013; 2015). O romance folhetim elegido se envolve na temática da pornografia ao passo que perverte a moralidade de sua época exibindo a traição de uma mulher, como também perpétua os ideais do século XIX à medida que Rosinha (principal personagem feminina do romance) é uma mulher leitora, ou seja, seria passível de ser influenciada pelos romances lidos. Seu sucesso na época é uma resposta a aceitação massiva de sua trama e essa perpetuação representa como a sociedade da época vê a temática da traição e da vingança.

Palavras-chave: Jornais, Pornografia, Romance folhetim, Século XIX, O Rio Nú.

INTRODUÇÃO

Os jornais do século XIX são uma importante fonte de pesquisa para a história da literatura. Regina Zilberman (2006 *apud* BARBOSA, 2007), afirma que “ainda não foi completada a história que narra a dívida da literatura brasileira para com o jornalismo, especialmente no século XIX”, dessa forma, este trabalho dispõe-se a discorrer um pouco sobre a literatura presente nos jornais, sendo mais específico, sobre o romance folhetim “A vingança de um sapateiro” do escritor Bock, pseudônimo de Carlos Eduardo, que foi publicado no jornal pornográfico *O Rio Nú*, no ano de 1899 nas edições de 68 até 94.

1 Este artigo apresenta resultados do projeto de pesquisa “História dos jornais eróticos brasileiros do século XIX e XX”, financiado pela Chamada MCTIC/CNPQ Nº 28/2018 - UNIVERSAL, do Prof. Dr. Natanael Duarte de Azevedo (UFRPE);

2 Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol, Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, biancadocarmo13@gmail.com;

3 Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professor adjunto na Universidade Federal Rural de Pernambuco e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na mesma Instituição de Ensino Superior, natanael.azevedo@ufrpe.br.

A base desta pesquisa está nos preceitos da História Cultural, propostos por Chartier (1988; 2017), cujo cerne está nos conceitos de representação, apropriação e práticas que postulam a dependência da construção de sentido ao processo de leitura. Como também na pesquisa em jornais da Barbosa (2007), cujas descobertas nos apresentam a heterogeneidade deste suporte, bem como sua influência na construção de determinados gêneros literários. Para abordar as questões que envolvem a categoria da pornografia, fez-se necessário a utilização dos trabalhos sobre literatura pornográfica, em específico, romances pornográficos (EL FAR, 2004), assim como os trabalhos em jornais pornográficos, especialmente em *O Riso* (1911 e 1912) e *O Rio Nú* (198 e 1916), de Azevedo (2013; 2015). Com relação ao romance folhetim, foram utilizados os artigos de Alvim (2008) e Gonçalves (2013), os quais apresentam um pouco da história deste gênero e da inserção dele no Brasil, respectivamente.

A construção da pesquisa se deu a partir das leituras dos jornais e da apreensão dos conceitos necessários para o “manuseio” deste suporte, como também para compreensão do gênero escolhido.

As discussões acerca do romance folhetim pornográfico, “A vingança de um sapateiro” de Bock, faz perceber que esse texto dialoga com a sociedade na qual está inserido e possui características próprias que o conceitua desse forma.

METODOLOGIA

Neste trabalho se fez uso da pesquisa documental, que apresenta a possibilidade de se estudar uma fonte primária no momento de sua efetivação ou *a posteriori* (MARCONI & LAKATOS, 2010), como também a pesquisa bibliográfica, as fontes secundárias, para a construção de um suporte teórico-metodológico acerca da História da Literatura e História Cultural. É uma pesquisa de caráter qualitativo, a medida que, se debruça sobre um romance folhetim específico para compreender sua configuração.

A primeira parte correspondeu ao levantamento biográfico fundamental para o entendimento da pesquisa, a saber: História cultural (CHARTIER, 1988, 2017); estudos em jornais e história da literatura (BARBOSA, 2007; ALVIM, 2008; GONÇALVES, 2013); por fim, sexualidade e pornografia/erotismo no Brasil (AZEVEDO, 2013, 2015; EL FAR, 2004). A segunda parte concerne a análise do *corpus* a partir das referências apresentadas.

O *corpus* foi escolhido considerando a necessidade de trazer de volta para a História da Literatura os romances folhetins pornográficos que circularam nos oitocentos e foram apagados na historiografia da literatura. O acesso aos jornais se deu a partir da plataforma da Hemeroteca Digital.⁴

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O suporte, local onde o texto se situa, seja um livro, uma página na internet ou um jornal, influencia diretamente o modo de leitura deste texto. Desconsiderar o suporte pode levar a uma falha na interpretação do conteúdo ali exposto. Chartier (1988, p.127) afirma que “não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor”, possuindo essa constatação por base, se faz necessário compreender o suporte, neste caso o jornal, para realizar a interpretação do romance folhetim escolhido.

O jornal do século XIX é conhecido por ser o local por onde passaram diversas vozes e variados discursos que demarcaram as “múltiplas perspectivas de uma época” e as diferentes formas de apropriação do texto escrito (BARBOSA, 2007, p. 40). O jornal pornográfico não escapa dessa designação heterogênea: ele a leva ao máximo por suas diferentes estratégias discursivas utilizadas, próprias do discurso pornográfico, e da literatura pornográfica que é “destinada à proibição” (MAINGUENEAU, 2010, p. 15), e tudo aquilo que é proibido encontra seu meio de prosperar, seja por procedimentos na escrita ou nas táticas do leitor.

Além da característica dos múltiplos discursos, o jornal do século XIX se configura como o lugar “por excelência do diálogo, do debate, da fofoca e das polêmicas” (BARBOSA, 2007, p.18) por ser palco de várias contendas, anedotas, crônicas etc, sejam de pessoas públicas ou comuns, pertencentes do meio jornalístico ou não. Essa configuração do jornal, o coloca num local onde os leitores influenciam diretamente suas publicações, tendo em vista que “o leitor é, sempre, pensado pelo autor, pelo comentador, pelo editor” (CHARTIER, 1988, p. 123), não apenas as crônicas, anedotas, piadas, reportagens ou notícias (gêneros que se prendem mais ao contexto histórico-social) sofriam essa influência, os romances folhetim,

⁴ Site vinculado a Biblioteca Nacional Digital: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

os contos, os poemas e os sonetos também estavam sob o jugo dos leitores. Em suma, todo o jornal dependia e fazia o que os leitores queriam.

Esta dependência dos jornais para com os leitores, indica que deve-se tratar o periódico em seu período de produção e disseminação, ou seja, o jornal, e em especial o jornal pornográfico, como sendo um produto de seu tempo e representando a sociedade e o discurso no qual está inserido (CHARTIER, 1988). Assim, a perspectiva da qual o pesquisador deve se voltar corresponde a apropriação do texto pelo leitor, considerando que “a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares e significações de modo nenhum redutível às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros” (CHARTIER, 1988, p. 123). Abordar esse suporte requer considerar esses dois fatores: o autor que pensa num leitor, escreve para ele e o limita nas interpretações e, ao mesmo tempo, um leitor que possui suas estratégias interpretativas. O sentido se dá nesse meio, afinal, “não basta ao texto literário existir, ele é materializado pelo sentido empreendido pelo sujeito leitor, ou seja, a apropriação do livro pelo leitor será responsável por toda representação de sentido da obra e da sociedade na qual ela foi lida.” (AZEVEDO, 2013, p. 1). Dessa forma, os jornais se caracterizam como “entidades que vão construindo as próprias divisões do mundo social” (CHARTIER, 2017, p. 7), isto é, o jornal recria a realidade, e, a partir disso, os leitores se apropriam do texto e criam o sentido.

O jornal pornográfico *O Rio Nú* é considerado um periódico de longa duração, com 18 anos (1898-1916) de publicação bissemanal ininterrupta. Ao longo desses anos, o jornal mudou sua materialidade e acompanhou a evolução da imprensa brasileira. No seu primeiro ano, ele era composto por quatro páginas e sem imagens, a partir do terceiro ano, no número 225, ele passa a ter oito páginas e começa a valer-se com maior frequência das charges e quadrinhos e a partir do ano de 1903, no número 469, o periódico passa a possuir imagens em sua capa (AZEVEDO, 2015). O jornal mesclava a crítica política com a pornografia e o humor, como podemos observar no número 201, onde uma coluna está completamente voltada a comentar e combater a violência policial e, ao lado dela, um quadrinho que insinua a prática sexual:



Fonte: *O Rio Nú*, Rio de Janeiro, Num.202, Anno III, página 1, em 09/06/1900.

Dito os pormenores que envolvem a leitura e o jornal escolhido, é preciso abarcar também o que corresponde ao gênero literário elegido: o romance folhetim. Ele é caracterizado por uma publicação seriada, ou seja, cada jornal vinha com uma parte do romance e os cortes eram realizados de forma estratégica para que os leitores se empolgassem e comprassem o próximo número do jornal. Tais romances eram uma forma de prender o leitor e, consequentemente, trazer ganhos financeiros para os escritores, editores, comentadores, todos que estivessem envolvidos na produção do jornal como afirma Luíza Alvim:

O folhetim garantia não só os ganhos do dono do jornal, como dos próprios romancistas, que deixavam, assim, de depender da compra ocasional de seus livros em volumes e passavam a ter um ganho semanal. (ALVIM, 2008, p. 4)

Os romances folhetins possuíam temáticas simples voltadas para os costumes, paixões e interesses de determinada época (MARTIN-BARBERO, 2003 *apud* ALVIM, 2008), possuíam diversos clímax ao longo do seu enredo de forma que o leitor era inserido num universo cheio de intrigas e complicações que, apesar de serem muitas, se resolviam com facilidade. A aceitação ou não de um romance folhetim era constatada a partir das compras do jornal. Caso o romance não desse ganhos, ele era cancelado ou tinha seu fim adiantado ou era totalmente modificado. Esse cancelamento ocorreu em vários romances do jornal *O Rio Nú*, pode-se citar “O Rego” de Armando Sacramento que teve apenas 7 publicações.

Ao passo que os romances folhetins tratavam de temáticas mais morais da sociedade, como o casamento, o romance folhetim pornográfico dialogava com as “amoralidades”, ou seja, com a perversão do que se considerava moral, como a traição ou a liberdade sexual feminina, vista como consequência das leituras dos romances, como apresenta El Far:

O célebre clínico carioca Pires de Almeida [...] alertava em um de seus estudos que as meninas tomavam conhecimento das práticas sexuais através da ‘leitura de imprudentes romances’. Viveiro de Castro [...] em *Atentados ao pudor*, defendia um argumento semelhante. Na sua perspectiva, determinadas obras despertavam nas mulheres ‘curiosidades terríveis’. (EL FAR, 2004, p. 185)

O romance folhetim pornográfico elegido é dividido em duas partes, a primeira parte, que vai do jornal 68 até o 85, conta a história do sapateiro João da Cunha que é casado com Rosinha. Enquanto trabalha, João é constantemente abordado por um pedinte chamado Manezinho ou Manoel, um dia esse homem pede para “verter água” na loja do sapateiro e o mesmo, deixa. João ao observar o pedinte urinando, nota que Manezinho era “o homem melhor prendado de todo esse mundo que o sol cobre” (*O Rio Nú*, Rio de Janeiro, Num. 69, Anno II, página 2, 04/03/1899). Após essa constatação, o “herói” aconselha o pedinte a andar pelas ruas a “verter água” na frente de moças desanimadas e tristes e afirma que, fazendo isto, Manoel nunca mais será pedinte na vida.

Sem crer muito, Manoel aceita o palpite do sapateiro e passa a procurar na rua uma moça na janela triste e desanimada. Por sorte, na primeira rua que ele entra Manezinho vislumbra uma moça com essas particularidades, se aproxima e “verte água” para que a moça o veja. Inicialmente, como mulher casada, ela se assusta, porém passado algum tempo, volta a janela e depois abre a porta para que o pedinte entre.

Num “plot twist”⁵ bem óbvio, característico dos folhetins, essa moça é Rosinha. A esposa de João havia idealizado um casamento perfeito, com um jovem bem disposto a satisfazer seus desejos carnais, com características de “heroes de romance, mancebos generosos e bons que arriscavam a vida pela posse de uma flor que iam depor humildemente aos pés das suas amadas” (*O Rio Nú*, Rio de Janeiro, Num. 72, Anno II, página 3, 15/03/1899), entretanto o sapateiro não cumpria bem suas obrigações de marido e não fazia o tipo romântico. Era um trabalhador com ganhos mensais garantidos, por isso, e para apagar o fogo da filha, os pais de Rosinha aceitaram o pedido de casamento de João.

Manezinho e Rosinha passam a ter encontros românticos constantemente e a mudança de humor da esposa é percebida por João, porém ele não acredita na possibilidade de traição. Manoel volta a sapataria de João bem arrumado e conta sobre os encontros com essa moça, sem dizer o nome dela. O sapateiro fica feliz pelo homem, porém quando ele está voltando para casa um vizinho seu, chamado Bernardo, o alerta sobre os encontros de Rosinha. Após esse “alerta” dado pelo vizinho, João fica mais atento e um dia decide perguntar a Manezinho o nome de sua amante, descobrindo, assim, que ele é quem banca os “luxos” do homem.

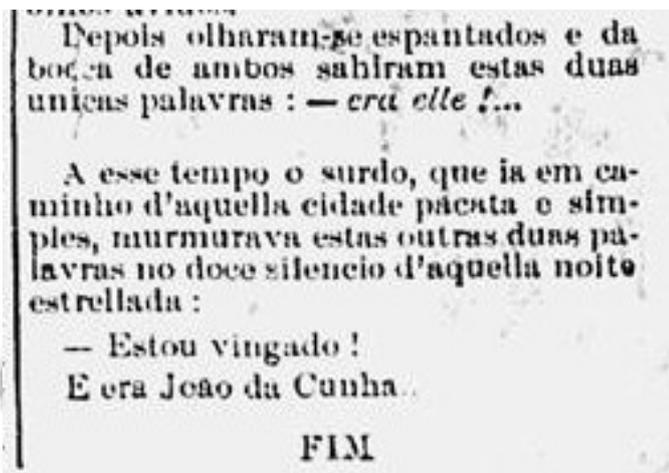
João decide que matará os dois, Manoel e Rosinha, e faz inúmeras tentativas, dais quais o ex-pedinte sempre consegue se safar e vai no dia seguinte contar ao sapateiro como escapou. Essa situação deixa João da Cunha com mais raiva e ele decide queimar a casa toda com Manezinho dentro. Após chegar em casa mais cedo, o sapateiro derrama “kerozene” por toda casa e tira Rosinha do quarto apenas com a roupa do corpo, ela implora para ele levar a mala com dinheiro e João a leva para fora de casa. Sem casa agora, João da Cunha deixa Rosinha na casa dos pais. No dia seguinte, Manoel, para surpresa do sapateiro, aparece na tenda contando como escapou da casa em chamas: ele havia se escondido na mala. Após saber disso, João se decepciona, fecha a tenda e sai jurando vingar-se, sendo este o fim da primeira parte.

A segunda parte, que vai do jornal 86 até o 94, mostra Rosinha na casa dos pais, abandonada pelo marido e sentindo saudades de Manoel. Um dia, passando pela rua da casa dos pais de Rosinha, o ex-pedinte a vê e decide virar amigo da família. Depois de se aproximar, ele descobre que João da Cunha era o marido de sua amante, sabendo disso, ele se

⁵“Plot twist” é uma expressão inglesa utilizada para designar um acontecimento inesperado que muda os rumos da trama, uma reviravolta.

compadece do homem e decide se casar com Rosinha. Após muita insistência, os pais dela aceitam o casamento sob a condição deles morarem distantes da cidade para não sofrerem com as fofocas. Nessa cidade distante, Rosinha e Manoel compram uma pousada a muitas prestações para se manter. Passado alguns meses, a pousada não está dando dinheiro, até que surge um inquilino que é surdo e mudo.

Rosinha percebe que o homem tem dinheiro e convence Manezinho a deixá-la roçar os joelhos nele, para conseguir mais dinheiro. Percebendo as investidas da mulher e a necessidade do casal, o homem escreve uma carta dizendo que iria dá muito dinheiro se ela desse para ele “uma noite de amor”. Depois de muito insistir com Manoel, Rosinha diz ao homem que aceita a proposta. Ao chegar a noite, no momento do ato, Rosinha se vê obrigada a pedir ajuda a seu marido para poder “fazer amor” com o homem, já que ele fica imóvel o tempo todo. Após essa noite de agonia, na qual Manezinho teve que ajudar várias vezes o homem a transar com sua mulher, o surdo-mudo vai embora deixando uma carta e o dinheiro. Manoel pega o dinheiro para pagar as dívidas e volta no fim da tarde, Rosinha decide o esperar para abrir a carta. Ao chegar em casa, Manoel abre, lê a carta e se espanta, mostra a carta para sua esposa e os dois exclamam “—era elle!”, como pode ser visto na parte abaixo:



Depois olharam-se espantados e da boca de ambos sahiram estas duas unicas palavras : — *era elle!*...

A esse tempo o surdo, que ia em caminho d'aquella cidade pacata e simples, murmurava estas outras duas palavras no doce silencio d'aquella noite estrellada :

— Estou vingado !
E era João da Cunha .

FIM

Fonte: *O Rio Ní*, Rio de Janeiro, Num. 94, Anno II, página 3, em 31/05/1899.

No fim da história, João da Cunha teve sua vingança fazendo Manezinho o ajudar a “fazer amor” com Rosinha.

Esse romance folhetim pornográfico fez muito sucesso em sua época de publicação, tanto que foi divulgado em outros jornais e saiu em livro após seu término. Abaixo um anúncio do livro afirmando que ele havia sido aumentado e com o nome original do autor:

ESTA SEMANA

O extraordinário e sensacional romance de **Bock**,
o maior e mais escandaloso sucesso do rodapé d'*Rio Nú*

A VINGANÇA DE UM SAPATEIRO

Um elegante e nitido volume de cerca de 200 paginas,
correcto e augmentado pelo autor e agora publicado
com o seu verdadeiro nome.

N'esta livro se conta a muito galacta e muito picante historia
de um marido que procurou a sarna para se e sar. A *pequenez*
d'este; o sangue novo e exigente da mulher; a prenda do amante;
o do selho que dá o marido; a sua alegria primeiro e o sed as-om-
bro depois, quando sabe da coisa; o incendio; o amante carregado
nas costas; etc. —formam a primeira parte do romance. Na segun-
da parte ha a desaparição do marido e novo casamento; o amante
que se torna marido; e antigo marido que se faz então o amante;
os supplicios da mulher; a sua relutancia; o seu interesse e a sua
dignidade; a triste situação do novo marido; etc. Terminando tudo
pela mais terrivel e mais enragada de todas as vinganças. O
amante paga na mesma moeda e com o mesmo a quem tinha feito.

2\$000 **ESTA SEMANA** **2\$000**

Fonte: *O Rio Nú*, Rio de Janeiro, Num. 112, Anno II, página 4, em 02/08/1899.

Anúncio do livro no jornal pornográfico *O Coió* (1901-1902), cerca de três anos depois da publicação dele no jornal:

Carlos Eduardo (BOCK)

A Vingança

de um Sapateiro.

O maior e o mais escandaloso successo do rodapé do *Rio Nú*.

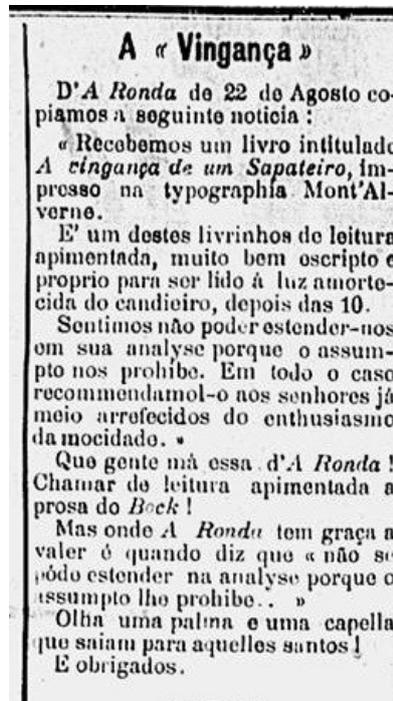
PREÇO 2\$000 PELO CORREIO 2\$500

Os pedidos devem vir dirigidos a Carlos Eduardo, rua do Ouvidor 44

Fonte: *O Coió*, Rio de Janeiro, Num. 65, Anno II, página 7, em 16/01/1902.

No número 122 de *O Rio Nú*, se tem um agradecimento dirigido ao jornal *A Ronda*⁶ pela crítica dirigida ao livro:

⁶ Infelizmente, a Hemeroteca Digital, a qual foi utilizada para leitura dos jornais aqui tratados, não possui registro desse jornal.



Fonte: *O Rio Nú*, Rio de Janeiro, Num. 122, Anno II, página 2, em 06/09/1899.

Acreditamos que o sucesso desse livro se dá por suas configurações, ou seja, por sua estrutura e suas estratégias de captar o leitor. A primeira característica, que pode ter influenciado o sucesso desse romance pornográfico, corresponde a figura de Rosinha. Uma mulher sonhadora que era leitora de romances, logo possuía uma imaginação de seu homem ideal, porém essa idealização é quebrada pela realidade e pelos desejos carnavais que habitam a mulher que lê. Essa personagem reforça a concepção de que a leitura leva a perdição do corpo feminino, e corrobora com os preceitos da sociedade do século XIX que, como vimos, condenava a leitura feminina. Esse aspecto por si só, apresenta uma face daquela comunidade leitora.

A segunda característica surge pelo ato da traição realizada por uma mulher, onde notamos o rompimento dos padrões, e, em consequência, pela vingança do homem traído. Ainda podemos observar no nosso século a imagem da retaliação do enganado, essa figura perdurou ao longo do tempo e foi mote de diversas histórias ao longo de todas as literaturas. No século XIX, era mais honrado, no sentido de prestígio social, para um homem estar preso do que ser traído pela sua esposa, então João da Cunha aparece como aquele que perpetua esse ideal daquele tempo.

A terceira característica corresponde aos cortes por edição do jornal e vem da estrutura própria do romance folhetim. A maioria dos cortes realizados deixavam o leitor em “suspenso”, ou seja, em expectativa para o próximo número. Normalmente, aconteciam antes de decisões importantes de João da Cunha, como por exemplo o corte realizado no número 84 onde o sapateiro está perto de queimar a casa, a mesma só é incendiada no início do número 85.

A quarta e última característica vem da escrita do autor, o Bock. Carlos Eduardo demonstra uma aptidão para a escritura de romances folhetins pornográficos, ao passo que elaborou essa, e outras tramas, famosas ao longo de sua carreira como escritor de romances. Nesse, em especial, ele produziu reviravoltas surpreendentes, ainda que para nós seja previsível, para o leitor novato de folhetim que, segundo Tania Serra (1997 *apud* GONÇALVES, 2013) se contentaria com algo que não requer tanto esforço e pode ser deduzido pelo próprio texto, era algo fantástico.

O parecer aqui apresentado coloca o romance folhetim pornográfico “A vingança de um sapateiro” como uma representação, a partir dos personagens, das ideias da sociedade do seu período de publicação, justificando assim sua grande propagação e manutenção naquele tempo de textos efêmeros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance folhetim pornográfico “A vingança de um sapateiro” do Carlos Eduardo (Bock) conversa com o corpo social que está inserido, ao passo que perpetua princípios desta mesma sociedade, enquanto ao mesmo tempo, os rompe ao falar abertamente da traição cometida por uma mulher. Rosinha é uma mulher que perverte o comum e, ainda que de maneira melindrosa, no sentido de que não é da forma ideal, consegue o que quer no fim.

A estrutura própria do romance folhetim oferece artifícios essenciais para a construção do romance folhetim pornográfico, a medida que propicia pausas nos momentos mais cruciais da cena de “sensação”.

Ainda há muito trabalho a fazer quando se pensa em romance folhetim pornográfico, o atual trabalho se debruçou apenas em um, entretanto o projeto de construir um arcabouço de interpretações desses romances está em prática.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Luíza. **Os jornais, o romance e o folhetim.** Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros_nacionais/6o-encontro-2008-1/Os%20jornais-%20o%20romance%20e%20o%20folhetim.pdf Acessado em 26 de Abril de 2020.

AZEVEDO, Natanael Duarte de. **Amor ou sexo? Literatura epistolar galante e pornográfica (1880-1910).** IN: Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 4., 2013, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: EDUFU, 2013.

AZEVEDO, Natanael Duarte de. **Trajetórias pornográficas: O Riso pronto para o ataque, uma história dos jornais eróticos brasileiros.** Tese (Doutorado) – UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2015.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX.** Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1988.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Tradução de Cristina Antunes. 2. ed; 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de Sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870- 1924).** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GONÇALVES, Mariana Couto. **O jornalismo literário no século XIX: a imprensa entre folhetins, crônicas e leitores.** IN: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, Natal. *Anais...*S. I.: s.n., 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371346244_ARQUIVO_artigoanpuh_versaofinal_.pdf. Acesso em 26 de Abril de 2020.

MANGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico.** Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica.** ed. 7. São Paulo: Atlas Editora, 2010.

Fontes periódicas

Coió (O). Rio de Janeiro. 1901-1902.

Rio Nu (O). Rio de Janeiro. 1898-1916.